

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK
HOLMES

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

O VALE DO MEDO

TRADUÇÃO
MONIQUE D'ORAZIO



Principis

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

D754v

Doyle, Arthur Conan 1859-1930
O vale do medo / Arthur Conan Doyle ; traduzido por Monique
D'Orazio. - Barueri, SP : Principis, 2019.
224 p. ; 16cm x 23cm. - (Sherlock Holmes)

Tradução de: The valley of fear
ISBN: 978-85-94318-17-6

1. Literatura juvenil. 2. Detetive. 3. Aventura. 4. Mistério. I.
D'orazio, Monique. II. Título. III. Série.

2018-531

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção editorial e projeto gráfico: Ciranda Cultural

Tradução: Monique D'Orazio

Diagramação: Project Nine Editorial

Revisão: Project Nine Editorial e Edson Nakashima

1ª edição revista em 2020.

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Parte um

A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

- O ALERTA – 7
- SHERLOCK HOLMES DISCURSA – 19
- TRAGÉDIA DE BIRLSTONE – 30
- ESCURIDÃO – 43
- AS PERSONAGENS DO DRAMA – 57
- A LUZ DO ALVORECER – 73
- A SOLUÇÃO – 89

Parte dois

OS SCOWRERS

- O HOMEM – 111
- O MESTRE – 123
- LOJA 341, VERMISSA – 144
- O VALE DO MEDO – 165
- A HORA MAIS SOMBRIA – 179
- PERIGO – 196
- A CAPTURA DE BIRDY EDWARDS – 209
- EPÍLOGO – 222



Parte um

A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

Capítulo 1

• O ALERTA •

Fstou inclinado a pensar... – disse eu.
– Eu é que deveria fazê-lo – Sherlock Holmes salientou com impaciência.
Acredito que sou um dos mortais que há mais tempo sofre; mas admito que fiquei irritado com a interrupção sardônica.

– Em verdade, Holmes – falei, em tom severo –, às vezes você é um pouco difícil.

Holmes estava demasiadamente absorto em seus próprios pensamentos para dar qualquer resposta imediata à minha admoestação. Inclinou-se sobre sua mão, com o desjejum intocado diante dele, e fitou o pedaço de papel que acabava de retirar do envelope. Em seguida, pegou o envelope, e o ergueu à luz para, muito cuidadosamente, estudar tanto o exterior quanto a aba.

– É a letra de Porlock – afirmou ele, pensativo. – Não posso duvidar de que seja a caligrafia de Porlock, embora a tenha visto apenas duas vezes antes. O “e” comercial com o floreio peculiar no topo é distinto. Porém, se é Porlock, deve ser algo da mais alta importância.

Ele estava falando consigo mesmo, não comigo; mas minha irritação desapareceu no interesse que as palavras despertaram.

– Quem então é Porlock? – perguntei.

– Porlock, Watson, é um pseudônimo, uma mera marca de identificação; no entanto, atrás dela reside uma personalidade evasiva e desonesta. Em uma carta anterior, ele me informou francamente que o nome não pertencia a ele e me desafiou a localizá-lo entre os milhões de habitantes desta enorme cidade. Porlock é importante, não por ele mesmo, mas pelo grande homem com quem ele mantém contato. Imagine o peixe-piloto com o tubarão, o chacal com o leão; qualquer coisa insignificante na companhia do que é formidável: não apenas formidável, Watson, mas sinistro; o maior grau na escala das coisas sinistras. É aí que ele adentra meu raio de alcance. Você já me ouviu falar do professor Moriarty?

– O famoso criminoso científico, tão famoso entre os desvirtuados como...

– Poupe-me dos rubores, Watson! – Holmes murmurou em uma voz de censura.

– Eu estava prestes a dizer: como ele é desconhecido para o público.

– Exato! Tocou no ponto certo! – exclamou Holmes. – Você está desenvolvendo certa veia inesperada de humor sagaz, Watson, contra a qual eu devo aprender a me proteger. Mas chamando Moriarty de criminoso você está proferindo um libelo aos olhos da lei; e aí que reside a glória e a maravilha disso tudo! O maior maquinador de todos os tempos, o organizador de todas as maldades, o cérebro controlador do submundo, um cérebro que poderia ter feito ou maculado

o destino das nações: eis o homem! Contudo, tão distante ele se encontra da desconfiança geral, tão imune às críticas, tão admirável na gestão de seus negócios e em sua dissimulação, que, por essas palavras que você proferiu, ele poderia levá-lo a um tribunal e sair de lá com um ano de pensão paga por você como uma reparação pela ofensa moral. Afinal, ele não é o célebre autor de *A dinâmica de um asteroide*, um livro que alcança tais alturas rarefeitas da Matemática pura, que dizem que não havia homem na imprensa científica capaz de criticá-lo? Esse lá é homem de se difamar? O médico maledicente e o professor caluniado: esses seriam os seus respectivos papéis. É genial, Watson. Mas se eu for poupado por homens inferiores, nosso dia certamente chegará.

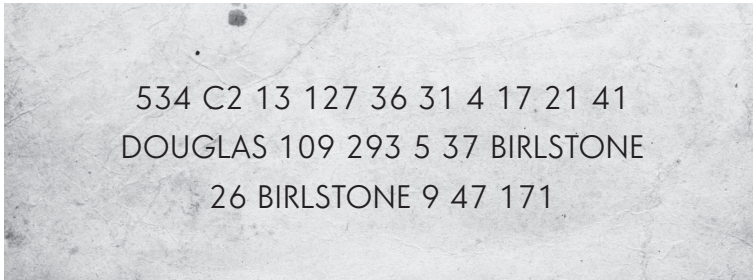
– Quisera eu estar lá para ver! – proferi devotamente.
– Mas você estava falando desse sujeito Porlock.

– Ah, sim, o chamado Porlock é um elo na cadeia, ligeiramente distante da ligação mais importante. Porlock não é um elo perfeito, cá entre nós. Ele é a única falha nesta cadeia até onde eu pude testá-la.

– Mas nenhuma corrente é mais forte do que seu elo mais fraco.

– Exatamente, meu caro Watson! Daí a extrema importância de Porlock. Levado por algumas aspirações rudimentares na direção do que é certo, e incentivado pelo estímulo criterioso de uma ocasional nota de dez libras enviada a ele por métodos tortuosos, uma ou duas vezes ele me deu informações antecipadas que foram de valor; daquele mais alto valor capaz de antecipar e prevenir o crime, em vez de vingá-lo. Não posso duvidar de que, se tivermos a chave do código, poderemos descobrir que esta comunicação é da natureza que eu indico.

Mais uma vez, Holmes alisou o papel sobre seu prato intocado. Eu me levantei, inclinei-me sobre ele e mirei os olhos na curiosa inscrição, que dizia:



- A que conclusão chegou, Holmes?
- É obviamente uma tentativa de transmitir informações secretas.
- Mas qual a serventia de uma mensagem cifrada sem a cifra?
- Neste caso, nenhuma.
- Por que você diz “neste caso”?
- Porque há muitas cifras que eu leria tão facilmente como leio as mentiras da coluna de agonia¹: tais dispositivos brutos divertem a inteligência sem fatigá-la. Mas isto é diferente. É uma referência clara às palavras na página de um livro. Até que me digam qual página e qual livro, estou de mãos atadas.
- Mas por que “Douglas” e “Birlstone”?
- Claramente porque essas palavras não estavam contidas na página em questão.

1 Uma coluna em jornal ou revista que oferece conselhos ou respostas a problemas pessoais enviados pelos leitores. (N.T.)

– Então por que ele não indicou o livro?

– Sua sagacidade nativa, meu caro Watson, essa astúcia inata, que é o deleite dos seus amigos, certamente o impediria de guardar a chave do código e a mensagem no mesmo envelope. Se cair em mãos erradas, você está perdido. Da forma como está, ambos têm que dar errado para que qualquer mal advenha dele. Nossa segunda correspondência agora está atrasada, e eu ficaria surpreso se não nos trouxesse uma carta de explicação adicional ou, mais provavelmente, o exato volume ao qual esses números se referem.

O cálculo de Holmes tornou-se realidade dentro de pouquíssimos minutos, pela aparição de Billy, o pajem, com a própria carta que estávamos esperando.

– A mesma escrita – observou Holmes, quando abriu o envelope –, e assinado, inclusive – acrescentou com uma voz exultante ao desdobrar a epístola. – Ora, estamos caminhando, Watson.

Sua expressão assumiu um ar sombrio, no entanto, quando ele leu o conteúdo de relance.

– Ora essa, isso é muito decepcionante! Temo, Watson, que todas as nossas expectativas chegam a nada. Creio que o homem Porlock não fará mal.

CARD SR. HOLMES [ele diz]:

Não vou me aprofundar nesta matéria. É muito perigosa, pois ele suspeita de mim. Eu percebo que ele suspeita de mim. Ele me procurou inesperadamente depois que eu havia inclusive endereçado este envelope com a intenção de lhe enviar a chave para o código cifrado. Consegui encobrir a

correspondência. Se ele a tivesse visto, as coisas teriam sido difíceis para mim. Mas li suspeita nos olhos dele. Por favor, queime a mensagem cifrada, que agora pode ser inútil para o senhor.

FRED PORLOCK.

Holmes permaneceu sentado por algum tempo, torcendo a carta entre os dedos e franzindo o cenho, fitando o fogo da lareira.

– Afinal de contas – ele disse algum tempo depois –, pode não haver nada nisso. Pode ser apenas a consciência culpada de Porlock. Sabendo-se um traidor, ele pode ter lido a acusação nos olhos do outro.

– O outro, eu presumo, ser o professor Moriarty.

– Ninguém menos! Quando qualquer um deles fala de um “ele”, você sabe de quem estão falando. Há um “ele” predominante para todos eles.

– Mas o que *ele* pode fazer?

– Hum! Essa é uma grande pergunta. Quando se tem um dos melhores cérebros da Europa contra você, e todos os poderes das trevas lhe dando apoio, há infinitas possibilidades. De qualquer forma, o amigo Porlock teve suas faculdades prejudicadas pelo medo. Faça a gentileza de comparar a escrita do bilhete com essa do envelope. Segundo ele nos diz, o envelope foi endereçado antes da visita agourenta. Uma é clara e firme. A outra, ilegível.

– E por que então ele se deu o trabalho de escrever? Por que não simplesmente desistiu?

– Porque ele temia que eu fosse fazer algum tipo de inquérito a respeito dele nesse caso, e, possivelmente, lhe atrair problemas.

– Sem dúvida – acentuei –, é claro. – Eu havia pegado a mensagem cifrada original e a estava observando de sobrance-lhas franzidas. – É quase enlouquecedor pensar que pode haver um segredo muito importante aqui neste pedaço de papel, e que penetrá-lo pode estar além do poder humano.

Sherlock Holmes afastou seu desjejum intocado e acendeu o cachimbo desagradável, que era seu companheiro nas medi-tações mais profundas.

– Duvido! – falou, reclinando-se e olhando para o teto. – Talvez existam pontos que escaparam à sua inteligência maquiavélica. Vamos considerar o problema à luz da razão pura. A referência deste homem é um livro. Esse é o nosso ponto de partida.

– Um tanto vago.

– Vejamos, então, se podemos reduzi-lo. Quando foco minha mente na referência, ela parece menos impenetrável. Que indícios temos sobre esse livro?

– Nenhum.

– Ora, ora, decerto que não é tão ruim assim. A mensagem cifrada começa com um grande 534, não é? Podemos tomar como uma hipótese de trabalho que 534 é a página específica à qual a cifra se refere. Assim, nosso livro já se tornou um livro *espesso* que certamente foi ganhado. Quais outras indicações nós temos sobre a natureza desse livro espesso? O sinal seguinte é C2. O que você acha disso, Watson?

– Capítulo dois, sem dúvida.

– Acho difícil, Watson. Você, com certeza, concordará comigo que, se a página é dada, o número do capítulo é irrelevante. Além disso, se encontrarmos a página 534 só no segundo capítulo, o comprimento do primeiro deve ter sido realmente intolerável.

– Coluna! – exclamei.

– Brilhante, Watson! Você está brilhante esta manhã. Se não é coluna, eu estaria muito enganado. Então, agora, veja só, nós começamos a visualizar um livro espesso, impresso em colunas duplas de comprimento considerável, já que uma das palavras, no documento, recebeu o número 293. Teremos chegado aos limites do que a razão pode fornecer?

– Temo que chegamos.

– Certamente você está sendo injusto consigo mesmo. Mais um lampejo, meu caro Watson, e mais uma ideia luminosa! Se o volume fosse incomum, Porlock o teria me enviado. Em vez disso, ele teve a intenção, antes que seus planos fossem dilapidados, de me enviar a pista neste envelope. É o que ele diz na correspondência. Isso parece indicar que ele supunha que eu não teria dificuldade em encontrar o livro por mim mesmo. Ele o tinha, e ele imaginava que eu o teria também. Em suma, Watson, é um livro muito comum.

– O que você diz parece plausível.

– Então reduzimos nosso campo de buscas a um livro grande, impresso em duas colunas e de uso comum.

– A Bíblia! – exclamei, triunfante.

– Muito bom, Watson, muito bom! Porém, se me permite o comentário, não bom o suficiente! Mesmo se eu aceitasse o elogio por mim mesmo, dificilmente poderia citar um volume mais improvável de estar à mão dos associados de Moriarty. Além disso, as edições da Sagrada Escritura são tão numerosas que ele não deve supor que duas edições teriam a mesma paginação. Claramente, esse é um livro padronizado. Ele tem certeza que sua página 534 corresponderá de modo exato à minha página 534.

– Mas pouquíssimos livros corresponderiam.

– Exatamente. É aí que reside a nossa salvação. Nossa busca estreita-se a livros padronizados que, espera-se, qualquer um possa ter.

– Bradshaw²!

– Há dificuldades, Watson. O vocabulário de Bradshaw é vigoroso e conciso, porém, limitado. A seleção de palavras dificilmente se adequaria ao envio de mensagens gerais. Eliminaremos Bradshaw. O dicionário é, receio, inadmissível pelo mesmo motivo. Então, o que resta?

– Um almanaque!

– Excelente, Watson! Eu estaria muito enganado se você não tivesse tocado no ponto. Um almanaque! Consideremos as alegações do almanaque de Whitaker. É de uso comum atualmente. Tem o número necessário de páginas. As páginas possuem coluna dupla. Embora modesto em seu vocabulário inicial, torna-se, se me lembro bem, bastante loquaz mais para o fim. – Ele pegou o volume de sua mesa. – Aqui está a página 534, coluna dois, um bloco substancial de texto impresso, discorrendo, eu noto, sobre o comércio e os recursos da Índia britânica. Anote as palavras, Watson! O número treze é “Mahratta”. Não é, receio, um início muito auspicioso. Número cento e vinte e sete é “Governo”; o que, ao menos, faz sentido, embora seja um tanto irrelevante para nós e para o professor Moriarty. Agora vamos tentar novamente. O que o governo de Mahratta faz? Ai de mim! A próxima palavra é “pelo de porco”. Estamos arruinados, meu bom Watson! É o fim!

2 Publicação inglesa que indica os componentes de uma família nobre e sobre seus altos cargos. Assim como também pode fornecer outras informações sobre o Império Britânico. (N.R.)